

**TRANSFORMAÇÕES RECENTES DA INDÚSTRIA NO SUDESTE: EVIDÊNCIAS DA DINÂMICA PRODUTIVA E TERRITORIAL ENTRE 1996 E 2015**

**Raphael de Oliveira Silva**

Pesquisador do Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais (Dirur) do Ipea.

A atividade industrial, desde os estudos pioneiros de Kuznets (1957) e Kaldor (1966), ganhou maior relevo na literatura econômica, sendo posicionada como a instância em que operam os retornos crescentes de escala, e a produção e a difusão do progresso técnico, influenciando o crescimento da produtividade de toda a economia. Ademais, o setor poderia gerar encadeamentos a jusante e a montante, mitigando os desequilíbrios regionais.

No entanto, no caso brasileiro, o desenvolvimento da indústria ocorreu de maneira desigual, concentrada, sobretudo, na região Sudeste. Essa região, composta pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, desde o início do século XX desenvolveu sua estrutura produtiva, configurando uma matriz industrial altamente sofisticada e diversificada, concentrando boa parte das empresas do país.

Nos anos recentes, o baixo dinamismo da indústria brasileira e as evidências de sua especialização regressiva têm despertado questionamentos sobre sua capacidade de induzir o crescimento econômico, bem como o desenvolvimento de outras regiões no território. De modo abrangente, estudos apresentam um enfoque generalizado para a economia brasileira, abstraindo assim a heterogeneidade das regiões e/ou dos estados, além do comportamento diferenciado da mudança estrutural no território.

Pensar o desenvolvimento de uma região implica conhecer, ao menos minimamente, sua estrutura econômica básica, a trajetória que moldou essa estrutura ao longo do tempo, o cenário atual e as tendências futuras. Com essa preocupação, este estudo visa analisar, individualmente, a presença de formas diferenciadas de desempenho e a configuração da estrutura industrial em três estados da região Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais), com ênfase na mudança estrutural e na reorganização territorial.

O esforço de análise aqui prefigurado recupera e atualiza diagnósticos sobre a dinâmica da indústria do Brasil presentes nos estudos de Arend e Fonseca (2012), Nassif, Feijó e Araújo (2012), Galeano e Feijó (2013), Sarti e Hiratuka (2017), e também as teses cujo foco está sobre o território, como as de Diniz (1995), Cano (2008), Saboia (2013) e Góis Sobrinho e Azzoni (2015).

*Grosso modo*, os resultados presentes no estudo revelam que a região não apresentou retrocesso na atividade industrial, uma vez que não houve queda, em termos absolutos, da produção e/ou do emprego industrial. No entanto, as baixas taxas de crescimento da indústria na região; a mudança estrutural com a ampliação da indústria tradicional, em detrimento da indústria intensiva em escala; e a redução do adensamento produtivo – com exceção das atividades baseadas em recursos naturais – sinalizam aspectos nocivos da sua dinâmica. No âmbito territorial, é evidente a continuidade da desconcentração em todas as categorias setoriais analisadas, mesmo num contexto de semiestagnação da indústria.

SUMÁRIO EXECUTIVO